

abrir espaços para uma reflexão mais profunda e uma prática mais séria no que diz respeito a essa tão importante dimensão da formação presbiteral.

3. Um esforço conjunto, de bispos, formadores e formandos, deveria realizar-se em vistas de possibilitar experiências mais concretas de trabalho na formação seminarística.

4. Ademais, para ser um homem realizado e, conseqüentemente, um bom cristão e um bom padre, o formando não pode fugir às quatro relações fundamentais que constituem o ser humano: com o mundo, com os outros, com Deus e consigo mesmo. O trabalho é justamente o lugar onde o nó dessas relações se enlaça com maior consistência.

5. Afinal, para exercer seu ministério como serviço e alusão à estrutura trinitária da Igreja, o padre deve ter um rosto de homem que seja a carne da carne do corpo eclesial, que seja memória viva inserida na carne desse corpo, e que deve remeter a Igreja à sua própria carne que é o mundo (SANTANER, 118-132). Pode ele, se quiser ser fiel a este ministério, ficar fora do mundo real do trabalho?

6. Ao fim das contas, contudo, deve ficar claro que o trabalho não pode, de nenhum modo, diminuir o peso dos quatro consagrados pilares da formação presbiteral (espiritualidade, pastoral, estudo e vida comunitária). Aliás, se o estudo for tido, vivido e experienciado como verdadeiro trabalho, com aproveitamento real de todo o tempo para ele disponível como preparação e

predisposição para o melhor serviço (ou trabalho) junto ao povo de Deus, já seria uma boa saída, e os questionamentos seriam outros.

7. A Campanha da Fraternidade de 91 deve questionar aos presbíteros e seminaristas sobre a forma como estamos vivendo (ou não) no mundo do trabalho, e deve apontar-nos alguns caminhos mais iluminativos do que os comentados aqui.

Bibliografia

- ANTONCICH, R. e SANS, J.M. "Ensino Social da Igreja", Vozes, Petrópolis, 1986.
CNBB, "Formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil. Diretrizes Básicas", Documento 30, Ed. Paulinas, SP, 1985.
JOÃO PAULO II, "Laborem Exercens", Encíclica sobre o Trabalho Humano, de 14.5.1981, Ed. Paulinas, SP, 1981.
RODRIGUEZ-LOSADA, M.M. e outros. "Afetividade e Vida Religiosa", CRB, Rio de Janeiro, 1990.
SANTANER, M. — A. "Homem e Poder. Igreja e Ministério", Ed. Loyola, SP, 1986.

Endereço do autor:
Caixa Postal 5041 — ITESC
88041 FLORIANÓPOLIS, SC

A ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO, SEGUNDO A "LABÓREM EXÉRCENS"

Pe. Alberto Gritti
Professor de Teologia Espiritual

A comemoração do centenário da Carta Encíclica "Rerum Novarum", do Papa Leão XIII, a 15 de maio do próximo ano, apresenta-se como uma ocasião e, mais ainda, uma necessidade para a retomada dos documentos, já numerosos, sobre a doutrina social da Igreja.

Os papas deste século não esconderam sua preocupação com relação ao mundo do trabalho, devido à dificuldade de ali penetrar a evangelização, e pelas questões sociais que ali incessantemente fermentam.

No início, a questão social era a "questão operária" ou do "proletariado". Depois, as condições gerais foram transformando-se sob o aspecto tecnológico, econômico e político. A "questão social" alastrou-se pelo mundo todo e sem dúvida concorre com os demais desafios que a sociedade moderna apresenta para a manutenção da paz.

A Igreja entra no vivo da questão com o seu Magistério, especialmente com as Encíclicas de inspiração social. Por exemplo, a "Quadragesimo Anno", de Pio XI, em 1931, aborda a questão do salário mínimo como condição para manter a paz social. A "Mater et Magistra", do Papa João XXIII, em 1961, procura o "aggiornamento" da questão, introduzindo o conceito da "socialização" na relação capital e trabalho. A "Populorum Progressio", de Paulo VI, em 1967, trata do desenvolvimento nas suas dimensões mais amplas e integrais.

É mediante o trabalho que o homem deve garantir o pão cotidiano

João Paulo II não fica alheio a esta lida magistral com o universo do trabalho, elaborando sobre o assunto a sua terceira Encí-

clíca, cujo título em latim, tirado tradicionalmente das primeiras palavras do documento, é "Laborem Exercens", quer dizer "Exercendo o Trabalho": "É mediante o trabalho que o homem deve garantir o pão cotidiano" (n. 1).

O documento era para vir a público no dia do 90º aniversário da célebre Encíclica leonina. Porém, devido ao atentado sofrido pelo Papa a 13 de maio de 1981, teve que ser adiada a sua publicação para o dia 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, data escolhida muito significativamente para o evento. De fato, trabalho e cruz são realidades profundamente relacionadas entre si: "Com fadiga tirarás da terra o alimento durante toda a tua vida. . . com o suor do teu rosto comerás o teu pão" (Cf. Gn 3,17.19).

Esta Encíclica, cronologicamente a terceira do seu pontificado, eria um liame orgânico com a missão apostólica do Papa Wojtyla. Desde a "Redemptor Hominis", do início do seu ministério e, em seguida, a "Dives in Misericórdia", a seqüência dos documentos não aparece por acaso: a missão da Igreja é, acima de tudo, anunciar Jesus Cristo Salvador e a misericórdia do Pai, enquanto as demais iniciativas encontram sua força e significação na "obra central" (Cf. Jo 6,28-29), o Trabalho da salvação e libertação.

Incansável na sua pregação itinerante, o Papa, falando ao episcopado da América Latina em Puebla, em 1979, afirmando a primazia da verdade sobre Cristo, a Igreja e o Homem, disse textualmente: "A verdade sobre o ser humano constitui o fundamento da doutrina social da Igreja, como também a base da verdadeira libertação".

O homem, portanto, é o fundamento e ao mesmo tempo o objetivo da missão da Igreja na ação social. É dentro desta visão antropológica que a Encíclica "Laborem Exercens" aborda a moral e a espiritualidade do trabalho. Algo de muito rico e sólido, que envolve a pessoa do trabalhador nas suas angústias e tristezas, nas suas lutas e vitórias.

O que há de tão sólido, de tão concreto neste documento pontifício? Primeiramente, no centro está Cristo como o "homem do trabalho" (n. 26) na sua divina humanidade, habitada pelo Espírito Santo e revelando que o Pai incessantemente trabalha (Jo 5,17). É nisto que encontramos a fonte da espiritualidade do trabalho. Informado por ela, o trabalhador poderá cooperar na construção de uma sociedade mais humana, contribuindo para a civilização do amor.

Mas por que uma retomada da "*Laborem Exercens*"? — No horizonte conturbado das relações humanas, a Encíclica oferece orientações e luzes que podem iluminar o caminho do operariado

O Trabalho é 'para o homem' e não o homem 'para o trabalho'

para hoje e para o futuro também. Uma voz que tem autoridade para recolocar o homem como sujeito do trabalho, e não escravizado por ele: "embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada, o trabalho é 'para o homem' e não o homem 'para o trabalho'." (n. 6)

É o caso das competições que o incentivo à produção desencadeia no ambiente de trabalho: pois ali a nossa fé cristã faz apelo à solidariedade, à lealdade. Nas dimensões conflitivas, o trabalhador é visto na sua dignidade, qualquer que seja a sua tarefa, a mais humilde como a mais nobre.

O coração da Encíclica está na reivindicação do trabalhador como pessoa toda inteira num labor personalizado antes do que um mero executor de tarefas, um número, no anonimato de uma fábrica. Isto acontece infelizmente nas grandes fábricas, nas empresas gerenciadas pelo Estado ou pelos grupos econômicos. Capital e estruturas empresariais não devem esmagar a criatividade do sujeito. Este, embora não possa mais ser o artesão do passado, contudo deveria poder tornar-se cada vez mais um profissional.

Numa visão tanto otimista como realista, emerge a necessidade de transformar o trabalho em algo de personalizante, que vá além dum esforço meramente produtivo. Isto tudo significa uma progressiva integração daquele rico diálogo ético que possa incluir a acolhida do companheiro, o perdão, a consciência do serviço, a fidelidade à palavra solidária, a coragem e a abnegação na fadiga em suportar o frio e o calor do dia, isto é, a cruz de cada um. Apresenta-se, assim, o trabalho, como uma longa aprendizagem na seqüela de Jesus e na prática do seu Evangelho.

PADRES NO MUNDO DO TRABALHO A Missão Operária São Pedro e São Paulo (Mopp)

A Igreja Católica sempre conheceu, ao lado das grandes instituições necessárias à sua sobrevivência, um fervilhar de experiências renovadoras, suscitadas pelo Espírito de Santidade.

Assim nasceu a missão que adotou a sigla MOPP para se identificar ao lado de tantas outras iniciativas missionárias que marcaram a história da Igreja na França nas décadas preparatórias ao Concílio. Basta lembrar alguns nomes mais conhecidos: Mission de France, Mission de Paris, os famosos "Padres Operários", os Irmãozinhos de De Foucauld, a organização da "mission ouvrière" com os movimentos de ação católica como ACO, JOC, etc. A MOPP, porém, encontrou sua própria identidade no confluente de várias correntes que marcaram definitivamente a cami-

O Homem e a mulher participam mediante seu trabalho na obra do Criador

Na quinta e última parte da Encíclica, o Papa usa uma expressão inédita — o "Evangelho do Trabalho" — querendo significar que, desde o Gênesis 1, 27-28, onde se lê que o homem e a mulher, criados à imagem de Deus, participam mediante seu trabalho na obra do Criador, até o Apocalipse 21,1, onde tem início "o novo céu e a nova terra", vislumbra-se o "novo bem", fruto do trabalho humano, no mundo novo onde, enfim, "habitará a justiça" (2Pd 3,13).

Em outras palavras, isto significa a nossa Ressurreição, que passa pela Cruz da multiforme e penosa fadiga do labor humano.

É, pois, na pessoa do Cristo que o crente reconhece o "Evangelho do Trabalho". Os nazarenos ficaram admirados e exclamaram: "Donde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? Porventura não é ele o carpinteiro?" (Cf. Mc 6,2-3) De fato, na obra da evangelização, aquele que a proclamava era, ele próprio, o "homem do trabalho" (n. 26).

Disso tudo se deduz quanto seja importante retomar os ensinamentos e sugestões da Encíclica pautada, especialmente nesta última parte, na Palavra de Deus, para se cultivar e se adquirir uma verdadeira espiritualidade do trabalho.

A nossa pastoral, em particular a Pastoral Operária, tem uma missão de grande alcance: é o dever especialíssimo de promover esta mística susceptível de ajudar tantos homens e mulheres a se aproximarem de Deus através do trabalho: de Deus, Criador e Redentor, participando dos seus desígnios... e aprofundando na própria vida a amizade com Cristo (n. 24).

No trabalho e no repouso, na tristeza e na alegria, o protagonista da obra da criação é o Cristo Senhor. Unidos a ele, também nós nos tornaremos cooperadores e artífices do novo céu e da nova terra.

Fonte bibliográfica

"LABOREM EXERCENS", Comentário de J. Hoffner, C.M. Martini, D. Tettamanzi etc., Roma, Libreria Editrice Vaticana, 1981.

Endereço do autor:

Caixa Postal 5041 — ITESC
88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

nhada de seu fundador Jacques LOEW, advogado convertido do ateísmo, que depois tornou-se dominicano.

O jovem dominicano formado no Saulchoir, ainda maravilhado pela descoberta da síntese e da visão do mundo próprias ao tomismo, como também do seu espírito de audácia para enfrentar novos problemas, teve que colaborar por vários anos com o Pe. LEBRET, fundador por sua vez do movimento "Economia e Humanismo". A convivência com o Pe. LEBRET, e o trabalho de pesquisa realizado no meio dos estivadores do porto de Marselha, convenceram-no da necessidade absoluta de encontrar propostas e soluções novas aos problemas da sociedade. A frequência de personalidades excepcionais como Gustave THIBON,